

# ANTÓNIO LOBO Obra Completa Edição *ne varietur* \* ANTUNES

## NÃO É MEIA NOITE QUEM QUER

Romance  
1.ª edição

\* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor  
Revisão filológica de  
António Bettencourt



DOM QUIXOTE



## 1.

Acordava a meio da noite com a certeza do mar a chamar-me através das persianas fechadas, voltava a cabeça na direcção da janela e sentia-o a olhar para mim conforme o som dos pinheiros a olhar para mim e as vozes dos meus pais, no fim do corredor, a olharem para mim, tudo me olhava no escuro repetindo o meu nome, perguntava

– O que é que eu fiz?

e silêncio, o mar e os pinheiros desapareciam da janela, para onde foram, vocês, e os meus pais calados, se perdermos o mar e os pinheiros não fica quase nada, uns telhados, uns caniços, a areia, sem marcas de gaivotas, de manhã muito cedo, apenas lixo da vazante que os banheiros não varreram ainda, madeiras, algas, gasóleo, eu cinco anos, os meus irmãos sete e nove, não vou falar do meu irmão mais velho, não se fala do meu irmão mais velho, aí está ele a sorrir-me

– Menina

e a descer de bicicleta para a praia comigo no quadro que me magoava um bocadinho, feliz e com medo

– Não vamos cair promete

e não caíamos, ao saltar do quadro continuava a magoar-me um bocadinho e depois passava, colocavam diante das ondas uma bandeira verde num mastro, de tempos a tempos um paquete ao longe, o meu pai ficava a dormir, de jornal no peito, no sofá, quer dizer percebia-se que dormia pela

boca aberta, não tinha cabelos brancos nem estava doente, não tinha morrido, a minha mãe, que conversava com a vizinha de toldo

– Vou passar a vida a repetir para não a trazes de bicicleta enquanto não partires uma perna à menina não descansas

o meu irmão não surdo e o meu irmão surdo atiravam coisas um ao outro e o meu irmão surdo, gritava-se-lhe o nome e não se virava para nós, começou a chorar, os meus cabelos já não pretos como os do meu pai, pintados de loiro, a minha mãe para a vizinha de toldo, a limpar as bochechas do meu irmão surdo com a toalha

– Já viu a minha cruz?

no extremo da praia, sobre as rochas a seguir à lagoa, uma construção abandonada, com a frase Alto da Vigia Mariscos & Bebidas a desbotar-se na cal, onde a seguir ao jantar os gatunos se reuniam a planearem roubar-nos, a minha mãe

– Tomara eu que vos roubassem a todos para ter paz e sossego

embora não se distinguisse ninguém com uma perna de pau e sacos para nos meterem lá dentro, vi fazer isso com os gatos pequenos e o saco mexia-se, mergulhavam o saco no tanque da roupa e ninguém se mexia nele, despejavam aquilo numa cova no ângulo do quintal a mandarem-nos

– Vão-se embora

só o meu irmão surdo ficava, tentando levantar a terra com os pés, eu para ele

– Não te aflijas

e um melro em duas notas nos pinheiros, qual o motivo de se afligir por um saco de que tombavam pingos e a gata por ali farejando, não tive filhos, eu, quer dizer tive um e perdeu-se, em que cova o meteram, o meu marido

– Não o meteram em cova nenhuma não era um bebé ainda

enquanto a bicicleta subia devagar a ladeira para casa, lembro-me do som da campainha, a do carteiro mais forte, cheguei de manhã para me despedir da casa, na semana que vem entregamos as chaves, as árvores ofendidas comigo, que esses sentimentos notam-se

– Que maldade deixares-nos

não vão olhar-me esta noite, fingem esquecer quem fui, compartimentos sem mobília, um pedaço de papel para a direita e para a esquerda no soalho, restos de palha de colchão no lugar da minha cama, as mesmas for-

migas de outrora na cozinha mas as prateleiras sem púcaros, um pacote de açúcar, fechado com uma mola de roupa, sozinho no armário, e a recordação do meu pai à procura da garrafa na despensa, eu para a sua pressa que deixara de existir, mais os dedos trémulos a desprenderem-se-me da memória

– Acabaram-se as garrafas pai

e o meu pai, teimoso, a espreitar uma arca, a tentar uma caixa, a desistir fitando-me de madeixas desalinhas, não me habituo ao meu loiro, há anos que faleceu, qual o motivo de regressar aqui, senhor, logo hoje, para me atormentar com a sua sede mais o lenço com o qual cuida limpar a testa e nem a cara apanha, agita um adeus sem alvo, reflecte um momento a oscilar, termina por esconder-se no bolso, semelhante a um gato no saco, daqui a pouco imóvel, abre-se uma cova no quintal e desaparece para sempre à medida que o resto de você tropeça na sala, a minha mãe para a vizinha de toldo, a apontar-nos

– Não me servem de nada

a minha cruz, dona Liberdade, um surdo, uma inútil, outro que se mata, outro louco, não mencionando o marido com os fumos do álcool

– Tira-me as aranhas da roupa

uma tropa fandanga, amiga, no Alto da Vigia Mariscos & Bebidas pareceu-me que um gatuno mas, reparando melhor, um arbusto sacudido pelo vento do mar, dois ou três burros magríssimos que os ciganos esqueceram, pisando o mundo com a fragilidade dos cascos, em silêncio como o mar e os pinheiros, mirando-me desiludidos

– Vais deixar-nos a sério?

e que o meu irmão surdo dava ideia de entender pelo modo como as sobranceiras trocavam de sítio, estalava-se uma colher num tacho e o meu irmão surdo alheado, calávamo-nos a pensar e ele, medindo cada letra

– Talvez

descobriu antes dos outros, não sei como, que me ia casar e puxou-me para o corredor

(muito menos gaivotas do que quando era pequena porquê?)

num soprozinho

– Não

muito menos gaivotas, nenhum gatuno, o Alto da Vigia inexistente, nem uma empena, nem um pedaço de horta, ervas a baloiçarem sem des-

canso, um dos burros caiu quando uma ponta de rocha cedeu e os cachorros de volta dele, escanzelados, acordava a meio da noite com a certeza do mar a chamar-me através das persianas fechadas, quem lhe revelou o meu nome, voltava a cabeça na direcção da janela e sentia-o a olhar para mim, se me aproximasse das persianas tanto escuro, onde param os olhos, o burro deu à costa inchado, de patas esticadas, só dentes, o meu pai, também inchado de pijama

– Viste por aí uma garrafa menina?

os pés custosos de andarem, a voz a empurrar-se por uma encosta difícil, a minha mãe

– Queres matar-te como o teu filho mais velho?

vim a esta casa para me despedir dela, os banheiros cobriram o burro com um oleado e levaram-no para o armazém, ecos de pinheiros no eco dos meus passos, qual de nós é as árvores e qual de nós sou eu, um melro mudou de galho num frenesim de páginas, os compartimentos aumentaram de tamanho, afigurou-se-me que um pedaço de vestido da Esmeralda, uma boneca que tive, e afinal o sol num caco de prato, se me desse para comunicar em quantas vozes a minha voz se dividia, a minha mãe

– Não sabes estar quieta?

a abotoar a blusa que me picava nas costas, a única coisa que me aborrece na ideia de crescer é que o meu irmão mais velho não me leve no quadro até à praia, a partir da próxima semana, depois de entregar as chaves, não serei capaz de espreitar a casa de longe, as páginas do jornal escorregavam para o chão enquanto o meu pai dormia, de tempos a tempos ia à despensa tomar um gole às escondidas

– Remédio para a tosse menina remédio para a tosse

com uma cor diferente nas orelhas e na testa, dizer aos pinheiros que não olhem para mim, não tenho culpa, chegávamos em agosto, íamo-nos embora durante as marés vivas, com as gaivotas não na praia, poisadas nas chaminés, as ondas alcançavam a muralha e levavam a areia com elas, não mencionando o verão e a voz da minha mãe, os meus irmãos e eu no banco de trás do automóvel cheio de malas, eles voltados para a frente e eu ao contrário, de joelhos, a assistir às férias a diminuírem no vidro, o quiosque, o café de matraquilhos, as últimas árvores e depois a estrada, a bomba de gasolina onde nos mandavam fazer chichi mesmo que não tivéssemos von-

tade, os meus irmãos na porta com a silhueta do homem e eu na porta com a silhueta da mulher, onde a minha mãe já não me acompanhava

– Lava bem as mãos

e eu orgulhosa de entrar sozinha ali, em que sempre vestígios de perfume, apesar da minha cara em baixo no espelho, levei séculos a subir espelho acima, havia uma terceira porta com uma silhueta numa cadeira de rodas que até hoje me dá curiosidade espreitar, passado um instantinho Lisboa, faltavam azulejos no prédio ao lado da pastelaria Tebas

– O que quer dizer Tebas mãe?

e a minha mãe, como sempre que não fazia ideia

– Tanta pergunta

com um soslaio negro ao meu pai, vasculhando o sítio das garrafas antes de esvaziarmos as malas, cheiros a fechado e a ausência, que se prolongavam durante semanas, até que o cheiro da comida e o cheiro das pessoas se tornava mais forte, deslizava-se o dedo em qualquer mesa e pó, não informei que não havia pasta de dentes a fim de não me obrigarem a usá-la, deu-me a sensação que o mar e os pinheiros iam voltar e não voltavam, embora um restinho de areia nos pés e eu contente de encontrá-lo, uma gaivota perdida atravessou a varanda mas nenhum burro nem nenhum gatuno nos telhados vizinhos, ao escrever que não se mencionava o meu irmão mais velho referia-me a, um dia, se arranjar coragem, conto, o meu irmão surdo começou a protestar, exigindo dormir com o elefante que o protegia das armadilhas do mundo, oculto no meio da roupa suja numa mochila por abrir, a minha mãe gritou-lhe no ouvido

– Não tens vergonha aos sete anos de te abraçares a um bicho?

eu não precisava do elefante, tinha um hipopótamo na mesinha, chamado Ernesto, que cuidava de mim sem necessidade de me agarrar a ele, não me importava de o meter nos lençóis mas o Ernesto preferia a mesinha

– Fico aqui e tu aí

como preferia que o nome Ernesto fosse um segredo nosso

– Não contes a ninguém ouviste?

e eu, claro, obedecia, a minha avó tão velha, mais de quarenta ou sessenta anos no mínimo

– Como se chama o teu hipopótamo menina?

eu, não contes a ninguém, calada, a dona Alice, quase tão velha como a minha avó, com um defeito no polegar, ajudava a minha mãe três vezes

por semana, no fim do mês juntavam-se para as somas, a lápis, nas costas de uma factura, enganando-se nos números, o sobrinho com um rim flutuante, o que é um rim flutuante, não te cansas de aborrecer as pessoas, menina, a dona Alice introduzia aos empurrões as almofadas nas fronhas, a minha mãe, que se interessava por doenças

– Como está o rim flutuante do seu sobrinho dona Alice?

a dona Alice com a almofada metade ao léu e metade no interior da fronha

– Uns dias melhor outros pior querem operá-lo de barriga aberta e por momentos a ideia de irmos morrer apavorou-me, a morte era muita gente ao pé de nós e termos de conversar aos sussurros

– Já não se respeitam os falecidos?

o meu pai, de gravata preta, mais assíduo na despensa, a minha mãe pausas que um soluço embrulhava, sem se enervar tanto connosco, anunciando, numa solenidade conformada

– Passa tudo num minuto

e mentira, os dias compridíssimos, por exemplo uma eternidade entre o almoço e o meu pai se levantar do sofá para nos levar ao circo depois de uma viagem à despensa, o meu irmão surdo, inquieto com os focos, amarrava-se à gente a ganir pelo elefante, eu não, encantada com a rapariga do trapézio, loira como eu agora, a certeza que se nos conhecêssemos nos tornávamos amigas e era capaz de lhe emprestar o Ernesto por uma noite ou duas, mesmo com o mar a chamar-me através das persianas fechadas e os gatunos no quintal avançando para mim, à volta da tenda jaulas de leões sonâmbulos, de pele igual aos tapetes coçados que se deixam na rua à espera da camioneta da Câmara, e um palhaço, a puxar a bola do nariz para o chapéu, no intuito de ralar ao filho com a boca enorme, palavras gigantescas que não conseguia escutar, confundidas com a música da orquestra, vi o sobrinho da dona Alice mas não encontrei o rim flutuante, dei-lhe a volta a investigar e observando de fora idêntico a nós, a minha mãe

– Julgavas que o rim flutuante andava por aí?

o rim por aí e o sobrinho da dona Alice a tentar apanhá-lo conforme acontecia ao sabonete no banho, fechava-o na mão e escapava-se, uma mancha azul se permanecemos quietos, nem um rastro se agitamos a água, qual a razão de os sabonetes diminuírem, não se zangue, mãe, que não era

uma pergunta, imaginava só, a rapariga do circo nunca veio ao meu quarto, que idade terá hoje em dia e também não se trata de uma pergunta nem quero que me responda dado que não a conheceu, estava a pensar, esqueci o hipopótamo mas o mar e os pinheiros continuam comigo, virava a cabeça na direcção da janela para senti-los olharem para mim, tudo me olhava repetindo menina, recordo-me da tarde em que a cara da minha mãe mudada

– Tens de usar um fato de banho que te tape cá em cima

onde, na minha opinião, não havia fosse o que fosse a tapar, dois nozinhos que principiavam a incomodar-me e pronto, o resto igual, o hipopótamo, preocupado

– Vais deitar-me fora?

e eu, saiu-me dessa forma

– Tanta pergunta

e a arrepender-me logo

– Não era o que eu queria dizer desculpa é evidente que não te deito fora

isto na época em que o meu irmão mais velho continuava vivo

– É evidente que não te deito fora

e deitei, precisava da mesinha para fotografias de actores de cinema e o estojo das pulseira e dos brincos, além de escapar à troça das minhas amigas

– Tens um rinoceronte?

não rinoceronte, hipopótamo, não lhe perdoos que não estivesse comigo quando o meu irmão mais velho, quando as ondas, quando muita gente a cochichar na areia e não foi um burro que caiu dos penedos, quando um polícia trouxe a bicicleta que ficou na muralha o meu pai, sem se esconder na despensa, de garrafa na sala, a minha mãe ergueu-se da máscara das mãos para mim

– Alguma pergunta?

eu que não incomodo seja quem for, vim despedir-me, não compreendo a razão

– Vais ter de usar um fato de banho que te tape cá em cima

de a casa não nos pertencer já, sentindo o mar diferente, os pinheiros diferentes e a fazer cerimónia com os compartimentos vazios, caminhando de leve a hesitar nas portas

– Será que posso entrar?

onde estava o canavial uma moradia, duas e um garoto a jogar uma bola de ténis contra um muro, perto de um regador tombado, fui à rua pôr o Ernesto no lixo, entre dois sacos, o mais fundo que pude, via-se uma das patas, tirei um saco do caixote ao lado e o Ernesto inexistente, quando uma ambulância subiu a rua, que a bicicleta descia na direcção da praia, o meu pai trancou-nos no quarto do meu irmão surdo

– Não saiam daí

dava-se fé de várias pessoas na sala, de um homem para o meu pai

– Assine a seguir ao xis a lápis

o burro só dentes e as patas esticadas, durante a assinatura a minha mãe, na voz que existe no interior dos lenços

– Sempre jurou que não ia à guerra

um melro a corrigir as penas junto aos caixilhos, observando-nos de lado, e a continuar a limpeza, nós encostados uns aos outros, com medo, qual destes corações é o meu, o homem para o meu pai

– Escreva o nome direito que não há outro impresso

e um martelo, rolas, a cancela num rasgar comprido, em que um prego ia lacerando o cimento, tudo me aleija, hoje, tudo me fere, a minha mãe, sempre dentro do lenço

– Vou atrás com ele não insistam

a ambulância a ir-se embora, não no sentido da praia, pela banda da quinta na qual nunca vi ninguém, uma capela, oliveiras, o meu irmão surdo apertava o elefante na barriga, o meu irmão não surdo

– Tenho fome

o melro desapareceu numa pressa torta e pela primeira vez na vida, que palermice, tive saudades de um pássaro, nenhuma onda, nenhum pinheiro, nós três sentados na cama com a mão de um deles, húmida de terror, a apertar-me o braço, e não compreendi se o meu sangue me pertencia ou passava de uns para os outros, atarantado, nervoso, nisto o meu irmão mais velho a sorrir-me

– Não te preocupes menina

ou seja nisto

(o homem a aprovar o meu pai

– Vá lá que a assinatura ficou mais ou menos

e uma censura oculta

– É um bêbedo)

nisto passos, primeiro no saibro, depois no degrau, depois no interior da casa, nos caixilhos um cacto com uma flor vermelha a vibrar explicando tudo, percebia umas frases ao acaso, o resto não, interessei-me

– O quê?

o cacto

– És muito nova para saber

e calou-se, frases relacionadas com um corpo de pernas estendidas, só dentes, na praia, os passos, no interior da casa, aproximaram-se do quarto de forma que apenas o soalho existia, não as paredes, não os móveis, a fechadura um salto, um segundo salto, a vizinha de toldo, solene

– Fico aqui uns dias até os vossos pais voltarem

eu muito nova para saber que o meu irmão mais velho se afogou, a prima da vizinha de toldo na cozinha, desentendida com o fogão

– Não me habituo a isto

a abrir e a empurrar armários, a puxar gavetas com força

– Onde é que eles guardam as coisas?

o meu marido a meio da rainha cláudia, com os dedos amarelos de sumo, a estranhar

– Ires despedir-te da casa?

eu não com onze, com cinquenta e dois anos, ou seja eu com onze e com cinquenta e dois anos, de cabelo preto e de cabelo loiro por cima do cabelo branco, sem compreender que o meu irmão mais velho se afogou, compreendia os dentes, as patas esticadas e um oleado em cima, não compreendia a morte, os círculos das gaivotas alcançavam as copas além de uma dúzia no tecto do Casino, o meu marido a limpar os dedos no guardanapo, com a ponta da língua no canto da boca, que dantes me enternecia por o tornar mais novo e desde há séculos deixou de enternecer-me, agradecia que pusesses a língua para dentro, obrigada

– Vai onde te apetecer mas eu preciso do carro

de maneira que cheguei de comboio e camioneta, nas estações edifícios antigos de postigos substituídos por tábuas, uma criança, fitando-me de uma horta minúscula, movendo o braço num até logo sem fim, não um até logo de pessoa, um até logo de boneco quando a corda acabou, se fosse só a língua de fora, o braço imobilizou-se devagar, nunca

– O teu irmão mais velho afogou-se?

nunca vi olhos tão sérios, a horta começou a andar para trás e perdi-a, ganhei um cemitério, que perdi igualmente, onde um grupo de criaturas baixava o meu irmão mais velho à terra com a ajuda de cordas, a minha mãe não estava no meio delas nem o meu pai dialogava com uma garrafa escondida na aba do casaco, o meu irmão não surdo apanhou a lata das bolachas

– Tenho fome

a vizinha de toldo furtou-lhe a lata e colocou os pratos na mesa, com os nossos lugares e os nossos guardanapos trocados, detestava sentar-me numa cadeira que não fosse minha

– Descansa que já comes

a cadeira do meu irmão mais velho desocupada para sempre, a minha mãe punha-lhe a mão no assento

– Esta cruz há-de acompanhar-me até ao fim

o meu pai regressou da despensa a enredar-se no tapete, a endireitar-se

– Não perturbes os garotos que já basta o que basta

vestido de preto na volta de Lisboa, oxalá os ciganos não abandonem mais burros nas rochas, se um pedaço de penedo se quebra tornam a cair no mar e pode não ser o meu irmão mais velho, pode ser o meu irmão surdo, posso ser eu, sempre jurou que não ia à guerra e qual guerra, mãe, o meu pai

– Ouviste alguma história de África tu?

e escutavam-se as ondas por trás da sua voz, uma tarde em que supunha que não viam dei pelo meu pai diante da bicicleta do meu irmão mais velho, na garagem onde se acumulavam uma armação de berço, objectos quebrados, lixo, ao perceber que eu ali

– Anda dar uma volta menina

o meu marido

– Com que então despedires-te da casa da praia

comigo a odiar a rainha cláudia, os pedaços no interior da boca modificavam-lhe as bochechas, o meu pai e eu descemos a rua até à praia, as vivendas, a mercearia, o café de matraquilhos onde o meu pai encomendou um cálice e qualquer coisa em si, que entendo e não entendo, impediu-o de beber

– Mais logo

a expressão da sua cara quase me fez gritar, herdei-lhe o nariz, as mãos, a minha mãe para a vizinha de toldo

– É toda pai

no fim da rua a pensão de paredes forradas de búzios e a seguir a areia, toda pai, sujeitos de cabazes apanhavam mexilhões e caranguejos pequenos, quase transparentes, nas rochas, o meu pai sentou-me na muralha segurando-me pela barriga, as gotas das ondas picavam-me a pele, a bandeira no mastro não verde nem amarela, encarnada, quis pedir

– Não me agarre com tanta força senhor

mas percebi que tinha de me prender assim, não por minha causa, por ele, não disse

– Não fale no meu irmão mais velho

por saber que não ia falar e a prova que não ia falar estava em que quase não conseguia mexer-me, a quantidade de alturas em que devíamos dizer

– Pai

e não dizemos, o Alto da Vigia Mariscos & Bebidas destruído já, famílias a almoçarem de marmitas, dois ou três cães, de cabeça baixa, sem encontrarem um fiozinho de cheiro que lhes valesse, vim aqui despedir-me na esperança de um fiozinho de cheiro que me valha e nem os pinheiros respondem ao que pergunto, a garganta do meu pai ruídos de quem tranca a vida a sete chaves, vim despedir-me da casa, sim, e não necessito do automóvel, não necessito de ti, que conheces tu dos olhos nas persianas à noite, das vozes que me repetem o nome, necessito de uma criança a acenar-me adeus numa horta até que o comboio me obrigue a perdê-la, dos meus irmãos pequenos, dos melros, do Ernesto que regressa à mesinha e me aguarda, o meu pai e eu nos degraus onde as pessoas sacudiam os sapatos antes de se calçarem, o meu irmão surdo diante do quarto do meu irmão mais velho sem se atrever a entrar, despejaram-lhe as estantes e levaram-lhe a roupa, a minha mãe

– Nunca mais quero ouvir o seu nome

enquanto o meu pai e eu íamos caminhando ao comprido da linha do alcatrão, apetece-lhe uma garrafa, não lhe apetece, senhor, quer que a vá buscar para si e ele calado

– Não

ele calado

– Também tens vergonha de mim?

e não tinha, afianço-lhe, mesmo quando permanecia à cabeceira sem poder levantar-se não tinha, vi-o no hospital e sorriu-me

– Lembras-te da onda menina?

quando passeámos na praia na semana seguinte ao, na semana seguinte, e mal me chegavas à cintura, não bebi pois não, portei-me bem, orgulhei-me de mim, o médico

– Dê uma vista de olhos à miséria destas análises a roxo, nem uma para amostra a azul

nenhum vestígio no sítio onde encontraram o corpo, comigo a pensar se calhar não tiveram aquele filho, quando acabou a hora da visita voltou-se para a parede a fim de não assistir à minha partida

– Menina

e um ou dois dias depois estive no velório e no enterro, primos desconhecidos que me apertavam a mão murmurando consolos, senhoras que ignorava quem fossem, a minha mãe sentada, diante da urna e dos círios, acompanhada por criaturas severas, o caixão a sair da furgoneta sob guardachuvas, as coroas de flores à chuva, eu à chuva, o padre, de lentes molhadas, a apressar as rezas, o meu irmão surdo sem cumprimentar as pessoas, se lhe tocassem fugia, foi ele quem rasgou os pneus da bicicleta, partiu a campainha e entortou o selim, a água pingava-lhe do nariz, não das pálpebras, andava numa escola onde se discutia com os dedos e um som na garganta como o meu pai na areia, cuja última coisa que recordo é a nuca a girar no sentido da parede, com todas as análises a roxo e um tubo no braço, sem se despedir de nós, quem se despede nesta família antes de morrermos, vamos embora e pronto, o meu marido

– Voltas quando?

e eu sem lhe responder, provavelmente nem volto, tomo como uma pinha da árvore e fico ali no pátio, os choupos do cemitério pesados da chuva, os dentes do meu irmão mais velho pesadíssimos no interior da terra, isto no inverno com todas as lâmpadas acesas e escuro mesmo assim, gostava de escrever outras coisas e não sou capaz, fico a acenar-vos como a criança na horta até ao fim da corda, o meu marido, enquanto eu vestia o casaco

– O pai bebe até tombar e a filha resolve despedir-se da casa onde nunca põe os pés como me fui meter com gente desta?

e enquanto esperava pelo elevador ouvi loiça a partir-se mas o que se passava para além do capacho já não me dizia respeito, no espelho uma mulher de cabelo loiro que demorei a reconhecer ser eu, se tivesse um filho não o trazia comigo, esquecia-o, e nisto veio-me à ideia o hipopótamo a perder recheio, a minha mãe mandou-me buscar algodão ao armário dos remédios e meteu um pedaço no hipopótamo, pediu a caixa da costura com aquela tesoura horrível com que se cortavam as unhas, coseu-o e enquanto cosia, pode parecer esquisito, sentou-me ao colo sem perguntar

– Há quanto tempo não tomas banho tu?

encostei-me ao pescoço dela e a chuva de todos os enterros parou, o meu pai e eu subimos da praia por um caminho diferente, contornando o bairro, a sua sombra chegava sempre primeiro do que a minha aos desníveis da terra, de quando em quando parávamos para o meu pai ajustar os pulmões nas costelas, respirando com força, e as ondas cada vez mais distantes, a minha mãe cortou a linha com a boca e entregou-me o Ernesto, fechou a caixa da costura

– Que tal?

tapou a lata de algodão e estendeu-me as duas coisas

– Vai pôr isto nos sítios

ou seja a caixa da costura em cima da tábua de passar a ferro e o algodão junto aos pensos rápidos, entristeceu-me não nenhuma ferida para colocar um deles no joelho e ganhar o respeito dos meus irmãos coxeando, a torneira da água fria com um Q gravado, enquanto a torneira da água quente um F, pingava sem descanso por mais que a torcêssemos, o meu pai

– Um dia destes mudo-lhe a borracha

se lhe chamavam a atenção, semanas depois

– É verdade passou-me

e sumia-se no interior do jornal sem desenhos nenhuns, só palavras e retratos de cavalheiros de idade que se chamavam todos Ministro, ao regressar à sala a minha mãe, distraída de mim, embalava o Ernesto a fazer-lhe festas, ao aperceber-se da minha chegada estendeu-mo logo

– Devo estar parva

e o lábio dela uma espécie de lágrima, notava-se que na sua cabeça um carrossel com girafas e cavalos de madeira e tábuas inseguras a estalarem, à medida que uma voz imensa num altifalante

– Viaje no oito viaja melhor

e o sujeito do Poço da Morte, de capacete de motociclista, a acelerar num estrada

– Lembra-se do carrossel mãe?

a memória dela, contente, cheia de girafas, se o meu irmão mais velho não me tivesse convidado

– Menina

seguíamos as duas, empoleiradas nos bichos, radiantes de ter medo, em voltas sacudidas, recordo-me do pai dela a tossir para a manga, recordo-me da mãe dela, muito gorda, escalando bengala acima para abandonar o sofá, perguntei

– Quer que lhe empreste o Ernesto por uma noite ou duas?

e a minha mãe a hesitar, aceito, não aceito, fitando o hipopótamo, fitando-me a mim, apoiando-se melhor na girafa de madeira que principiava a rodar, a minha mãe a crescer de súbito, a dobrar os óculos que usava para a agulha, a guardá-los no estojo, a depositar o estojo no apoio da poltrona e a ordenar

– Some-te da minha frente

enquanto o sujeito do Poço da Morte, por quem estive apaixonada até aos doze anos, lhe ignorava o sorriso acelerando no estrada.